

LITERATURA, HISTÓRIA E DITADURA: AS CARTAS DE UMA EX-PRISIONEIRA POLÍTICA*

Janaína Buchweitz e Silva (Universidade Federal de Pelotas)

Resumo: o presente artigo propõe uma reflexão teórica sobre as cartas da ex-prisioneira política Lúcia Maurício, que foram publicadas em formato de livro no ano de 2015 sob o título *Cacos de sonhos: cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)*. Entendendo a prática da correspondência como uma forma de escrita de si, em que o ato de escrita funciona como um exercício pessoal, onde quem escreve se manifesta ao outro, mas também a si mesmo (FOUCAULT, 1992), e observando os apontamentos da narradora que testemunha o que não é dito no discurso dos vencedores e dominadores, as cartas de Lúcia demonstram um ângulo de visão de um grupo que foi reprimido pelo discurso dominante e que tem hoje, através da divulgação das cartas, a oportunidade em se fazer presente e em se constituir oficialmente enquanto parte da história, o que não era possível no momento em que as cartas foram escritas. Assim, a divulgação das cartas da ex-prisioneira política são uma forma de se “escrever a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1996) e de se contribuir para a democratização da escrita da história, além de operarem como uma manifestação cultural que visa à denúncia de um período da história do Brasil em que os direitos humanos foram suspensos.

Palavras-chave: escritas de si; cartas; ditadura; prisioneiros políticos; experiência.

1 Introdução

O período da ditadura civil militar brasileira foi marcado pelo uso da correspondência como forma rotineira de comunicação, seja dos militantes políticos entre si bem como destes com seus familiares. Vivendo em situação de clandestinidade ou enquanto presas e presos políticos, foi através da prática da correspondência que muitos militantes conseguiram manter alguma forma de comunicação, e em muitos casos até mesmo de organização do movimento ao qual pertenciam. A escrita epistolar oportunizou, durante o período, o intercâmbio de informações e sentimentos dos mais diversos entre remetente e destinatário, além de funcionar também como uma forma de registro de atividades. Em se tratando dos presos políticos, muitas cartas funcionaram como uma forma de denúncia das condições em que os mesmos se encontravam e das situações a que eram submetidos. Em 2017, o Memorial da Resistência de São Paulo organizou a exposição *Carta Aberta – Correspondências na Prisão*, com o intuito de revelar como se deu a comunicação por meio de cartas entre os presos políticos do regime ditatorial brasileiro com seus familiares e amigos durante o período compreendido entre os anos de 1969 e 1974. Após serem mantidas por mais de quatro décadas sob os cuidados de ex-presos e familiares, as cartas foram expostas com o intuito de contar alguns dos momentos vivenciados durante o período de reclusão, tais como a chegada à prisão, a rotina dos presos políticos, os cuidados com a forma de comunicação, bem como as diversas angústias surgidas durante os períodos de transferências e julgamentos. Uma outra forma de manifestar as memórias de quem vivenciou períodos de reclusão ao conhecimento do público se dá através

*XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online



da literatura, seja através da escrita de romances ou de livros de memórias, bem como da posterior divulgação de cartas em formato de livro. Na literatura brasileira, muitos são os casos de autores e autoras que narraram suas experiências. Em *Memórias do cárcere*, Graciliano Ramos testemunha sua rotina na prisão ao longo dos dez meses em que esteve preso, entre março de 1936 e janeiro de 1937, época que contempla parte do período em que vigorou o Estado Novo no Brasil. Também Frei Betto publicou seu relato em formato de livro, intitulado *Cartas da prisão*, onde o autor divulgou as cartas que escreveu durante os quase quatro anos em que esteve preso durante o regime ditatorial brasileiro, entre 1969 e 1973:

Este livro é um documento histórico. Retrata as duras provações a que foram submetidos os presos políticos, bem como as lutas de resistência travadas dentro da prisão. Algumas dessas cartas não passaram pela censura carcerária, como se exigia. Saíram por vias clandestinas, colocando em risco seus portadores. Esta é a razão pela qual nem todos os destinatários estão identificados: alguns preferem permanecer no anonimato. (BETTO, 2017,p.12)

Diversos outros livros de memórias foram publicados no Brasil, em que predominam as histórias e os relatos daqueles que tiveram sua liberdade usurpada por regimes de opressão, como por exemplo *O que é isso companheiro*, de Fernando Gabeira.

2 Desenvolvimento

Lúcia Velloso Maurício vivenciou o período da ditadura militar brasileira, tendo sido presa política em uma vila militar entre os anos de 1971 e 1974, período durante o qual se correspondeu por cartas com seus familiares e amigos, e também com seu namorado. Lúcia selecionou e editou as cartas com a ajuda de uma amiga, e estas foram publicadas mais de quarenta anos após terem sido escritas em formato de livro pela Editora Ponteio, no ano de 2015, sob o título *Cacos de sonhos: cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)*. Sobre o processo de construção da publicação, que foi desenvolvido na companhia de outra amiga de Lúcia, a professora universitária Clarice Nunes, a autora comenta que:

Esta experiência foi um exercício a quatro mãos. Como tínhamos inserções diferentes em relação ao objeto de análise, fomos descobrindo nossos lugares diferentes na produção do texto. Eu era capaz de memória e mesmo de estabelecer relações sobre fatos lembrados, mas meu envolvimento era forte demais para permitir uma análise objetiva do que emanava das cartas. Clarice, apartada da memória, e imersa em extensa leitura de temas que relacionava às cartas, produziu um texto ímpar. (MAURÍCIO, 2015, p.17-18).

Lúcia conta no prólogo de seu livro que o fato de ser professora influenciou na decisão da publicação das cartas, pois o convívio diário com seus alunos ocasionou a percepção das diferenças de dimensões das atividades políticas entre uma geração e outra, de forma que a autora entendeu que as diferenças deveriam ser percebidas não somente por ela, mas também pela geração de seus alunos. Nesse sentido, decidiu que publicar suas cartas era uma forma de externar para os outros a experiência vivenciada, não somente por ela, mas também por toda uma geração:



As cartas seriam um meio para que outras gerações conhecessem, sem sofisticação, o cotidiano da prisão e o que pensava este pessoal que tinha arriscado tanto por seus sonhos. Desse momento em diante, me dei conta de que este conjunto de cartas, de fato, constituía o patrimônio de uma geração, que, portanto, deveria se tornar de acesso público. Eu era apenas um exemplar da juventude daquele período, por outro lado, vivera uma experiência muito particular. (MAURÍCIO, 2015, p.11)

No entanto, sabe-se que no momento da escrita, Lúcia direcionava seus textos para determinados destinatários, como sua família, seus amigos e seu namorado, que era também preso político e foi o receptor da grande maioria das suas cartas. Ela conta que à época ambos tinham consciência da censura a que estavam submetidos, e por isso muitas coisas não puderam ser escritas. Sobre a especificidade da escrita através de cartas e também sobre sua motivação para publicá-las, Lúcia comenta que:

Aprendi que cartas não se enquadram num gênero bem definido: não são ficção, nem biografia, nem ensaio, nem crônica, nem texto acadêmico. Com tanto não, resulta que cartas não vendem livro, a não ser que sejam de alguém famoso. Por quê não desisti? Pela simples convicção de que estas cartas devem se tornar públicas, como testemunho do ponto de vista feminino de uma geração que lutou por seus ideais (ou sonhos). Pelo fato de serem únicas: não são escritas com o filtro de hoje, passados 40 anos, sobre como era a prisão; este duro cotidiano é contado de dentro, pela pessoa que escreveu dentro dela há 40 anos, com as qualidades e a falta de qualidades que esta condição lhe impunha. Não são cartas da prisão de uma militante genérica; são cartas de uma militante inserida socialmente, portanto reveladoras desta sua condição particular. Porém sua singularidade - mulher, jovem, classe média, zona sul do Rio de Janeiro, bem formada – pode representar tantas outras singularidades. (MAURÍCIO, 2015, p.18).

Nesse sentido, as cartas de Lúcia possuem valor histórico, por serem o testemunho de uma presa política do regime militar. A rememoração da autora se dá através do exercício da palavra, em um registro que luta contra o esquecimento: “É difícil aguentar, mas é possível e nós vamos aguentar. Um dia, em liberdade, saberemos ser mais gente, embora a prisão vise o contrário. Mas nós somos gente, com grades ou sem elas.” (MAURÍCIO, 2015, p.54).

Com relação à seleção, edição e organização das cartas, Lúcia descreve a dificuldade em selecionar, em um universo de quase 200 cartas, aquelas que se adaptariam melhor a um formato de livro. Sobre a fase das cartas em que a descrição do dia a dia da prisão é enfatizada, Lúcia comenta que:

Esta segunda fase das cartas, que é a mais longa, tem a prisão como referência, seu cotidiano em quartéis da Vila Militar: a descrição de celas, como nos organizávamos, as relações que se construía dentro dos coletivos, as transferências, o que estudávamos, que elementos eram fundamentais para nossa estabilidade emocional, os encontros, as partidas, para a liberdade ou para o presídio feminino, as festas. (MAURÍCIO, 2015, p.15).

Essa referencia ao dia a dia é, segundo Foucault (1992), um dos pontos estratégicos presentes nos registros da prática da escrita de si, em que o ato de escrita funciona como um exercício pessoal, em que quem a escreve se manifesta ao outro, mas também a si mesmo. O tema da escrita de si é desenvolvido por Foucault no ensaio *A escrita de si*. O autor entende a escrita a partir de sua função *etopoiética*: “é um operador da transformação da verdade em ethos.” (FOUCAULT, 1992, p.2). Para o autor, essa escrita *etopoiética* estabeleceu-se no exterior de duas formas já conhecidas porém utilizadas com outros fins: os *hypomnemata* e a correspondência. Os *hypomnemata* foram diferentes tipos de livros, registros e cadernos que serviram como uma espécie de agenda:

Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. (FOUCAULT, 1992, p.3).

Com relação à outra forma de escrita, a correspondência, Foucault discorre que o texto que é escrito com o intuito de servir como correspondência a outrem também funciona como uma forma de exercício pessoal, pois a carta atua tanto sobre quem a envia quanto sobre quem a recebe:

A carta que é enviada para auxiliar o seu correspondente – aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo – constitui, para o escritor, uma maneira de se treinar: tal como os soldados se exercitam no manejo das armas em tempo de paz, também os conselhos que são dados aos outros na medida da urgência da sua situação constituem uma maneira de se preparar a si próprio para eventualidade semelhante. (FOUCAULT, 1992, p.7).

Foucault entende que o escritor de uma carta presta um “serviço de alma” a seu remetente, que com o passar do tempo irá progredir, superando os problemas através dos conselhos recebidos por carta, e então estará em condições de retribuir os ensinamentos recebidos através de conselhos para aquele que teve a iniciativa em lhe auxiliar, destacando as diferenças entre a correspondência e os *hypomnemata*:

No entanto, e a despeito de todos estes pontos comuns, a correspondência não deve ser encarada como simples prolongamento da prática dos *hypomnemata*. É algo mais do que um adestramento de si próprio pela escrita, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro: ela constitui também uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. A carta faz o escritor “presente” àquele a quem a dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da sua vida, das suas actividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de uma espécie de presença imediata e quase física. (FOUCAULT, 1992, p.7-8).

Foucault vê na prática da escrita de si a outrem, além de um adestramento de si, uma forma de estar presente na vida do outro que quase se equivale a uma presença física. Para o autor, “de certo modo, a carta proporciona um face-a-face.” (FOUCAULT, 1992, p.8), já que quem recebe uma carta sente-se olhado, considerado, por aquele que a escreve, e quem remete a carta busca o olhar do outro para os aspectos de sua vida. Dessa forma, Foucault vê reciprocidade no ato de se corresponder, através “do olhar e do exame” (FOUCAULT, 1992, p.8), já que através da correspondência

abrimo-nos ao olhar dos outros e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior. Ela é uma maneira de nos darmos ao olhar do qual devemos dizer a nós próprios que penetra até ao fundo do nosso coração (*in pectus intimum introspicere*) no momento em que pensamos. (FOUCAULT, 1992, p.8)

Lúcia, em suas cartas, buscou “o olhar e o exame” do outro, no caso, de seus destinatários. No entanto, a publicação de suas cartas propiciou a possibilidade de novos olhares sobre suas vivências e sobre o testemunho do dia a dia de uma presa política no cárcere, suas angústias e anseios. Sobre isso, Nunes comenta que “Perdidas as esperanças, precisamos de novos encontros e novas lentes para olhar o mundo.” (NUNES, 2015, p.40). No caso, esse novo olhar é lançado por novos leitores, que têm acesso às cartas de Lúcia no momento de sua publicação, mas também pela própria autora, que ao revisitar o que escreveu há mais de quarenta anos tem a oportunidade de, além de dividir com o público leitor suas experiências e vivências, rememorar seu passado em busca de um constante aprimoramento de si, que se deu e se dá através do uso da palavra. Sobre o processo de escrita de Lúcia, Nunes analisa que:

A história da geração de Lúcia é uma evidência de que não se pode fugir aos golpes do destino, mas pode-se opor-se a eles pela palavra, mesmo que essa palavra não mude necessariamente o que aconteceu. Suas cartas são uma encarnação da mesma convicção básica que existia no drama da tragédia grega de que falar (escrever) é agir. Afinal, “o declínio pode tornar-se um feito se palavras forem lançadas em sua direção enquanto se sucumbe.” (NUNES, 2015,p.46).

Ao analisar a participação das mulheres no período da ditadura, Clarice observa que é comum associar a participação delas a uma escolha emocional: “A desqualificação da participação das mulheres nos movimentos estudantis que caíram na clandestinidade, sob a alegação de escolha emocional, traz as marcas da dominação masculina que opõe emoção ao pensamento.” (NUNES, 2015, p.23). Nunes aponta ainda para a importância do estudo da participação das mulheres na militância política durante o período da ditadura:

A militância política, quando relacionada à atuação de grupos guerrilheiros, nas quais as mulheres também atuam, é um tema ainda pouco estudado no âmbito da pesquisa em ciências humanas e sociais. São raros os relatos de agentes sociais do processo de reconstrução histórica desse período, sobretudo das mulheres ativistas cujos depoimentos foram excluídos da versão oficial como resultado do profundo e doloroso conflito da produção da memória na construção da história de nossa sociedade. (NUNES, 2015, p.23).



Nunes destaca ainda a importância da divulgação das cartas de Lúcia, na medida em que estas expõem o período ditatorial brasileiro a partir de um ângulo de visão próprio das mulheres que vivenciaram aquele período, o que funcionaria como uma espécie de reparo de parte da nossa história, que foi tradicionalmente contada quase que majoritariamente pelos homens:

As cartas de Lúcia, relembrando o seu passado como ex-prisioneira política, recriam para nós, seus leitores, no século XXI, o cotidiano do cárcere tal como o viveu e interpretou. Esse ângulo de visão, que se distingue da aventura da guerrilha narrada pelos homens, das estratégias executadas num plano de ação, constitui, na feliz expressão de José de Souza Martins, um ponto de reparo metodológico. Diríamos um ponto de interrogação do processo histórico a partir desse lugar específico. O limite estreito da cela torna-se referência para a análise de processos mais amplos. (NUNES, 2015, p.43-44).

Segundo Walter Benjamin (1996), para um melhor entendimento do passado deve-se romper com a empatia para com os vencedores, que carregam junto a si a herança de todos aqueles que venceram antes. Apontando para a relação entre bens culturais e barbárie, Benjamin salienta que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie.” (BENJAMIN, 1996, p.225); ou seja, onde há civilização houve também barbárie; nesse sentido, faz-se necessário “escovar a história a contrapelo”, com o intuito de investigar os sentidos que estão encobertos pelo discurso histórico dito oficial, ou seja, buscar o que não é dito no discurso dos vencedores e dominadores. Nesse sentido, as cartas de Lúcia servem como demonstração de um ângulo de visão de um grupo que foi reprimido pelo discurso dominante e que tem hoje, através da divulgação das cartas, a oportunidade de se fazer presente e em se constituir oficialmente enquanto parte da história, o que não era possível no momento em que as cartas foram escritas. Para Benjamin, passado e presente estão entrelaçados, e quem narra os acontecimentos deve fazê-lo enquanto um cronista, que “sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.” (BENJAMIN, 1996, p.223).

A formação de memória de Lúcia se dá através do uso da palavra, do testemunho, da narração. Em *Experiência e pobreza*, ensaio de Benjamin publicado em 1933, o autor inicia sua discussão refletindo sobre a autoridade da experiência exercida pelos mais velhos e transmitida aos mais jovens, através de provérbios, histórias, narrativas, ou seja, através da palavra. O autor exemplifica a partir de uma fábula, em que um velho, em seu leito de morte, relata a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Após cavarem em busca do tesouro e não obtendo sucesso em encontrá-lo, os filhos concluem, após abundante produção de vinhas, que “a felicidade não está no ouro, mas no trabalho.” (BENJAMIN, 1996, p.114). A partir desse episódio Benjamin atesta que a contação de histórias permitia a transmissão de experiência dos mais velhos aos mais jovens, através da autoridade da velhice, e conseqüentemente também da palavra:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. (BENJAMIN, 1996, p.114)

Para o autor, em seu tempo, a experiência exercida através da palavra se perdeu, entrou em declínio, já que tanto os velhos quanto os jovens estariam renegando a experiência propiciada de uma a outra geração através da palavra. Benjamin entende que as mais terríveis experiências da história, oriundas da guerra, ocasionaram combatentes cada vez mais pobres em experiências comunicáveis, concluindo que ficamos pobres, pois o abandono do patrimônio humano foi substituído pela valorização do que é “atual”, e por isso o homem deve preparar-se para sobreviver à cultura. Já no ensaio *O narrador* (1936), Benjamin afirma que a experiência da arte de narrar encontra-se em vias de extinção, já que são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente, retomando a ideia iniciada em *Experiência e pobreza*. Ele compara o ato de narrar a um trabalho artesanal, já que tanto em um quanto em outro há “uma coordenação da alma, do olhar e da mão” (BENJAMIN, 1996, p.221). Benjamin entende a narrativa como uma forma artesanal de comunicação, comparando a marca do narrador na narrativa com a da mão do oleiro na argila do vaso.

Nos momentos de aniquilamento de sua liberdade, podemos inferir que Lúcia utilizou-se do processo de escrita como uma maneira de sentir-se viva, pois suas cartas eram basicamente a única forma de comunicação com o universo externo à prisão. A preservação de suas cartas oportuniza a transmissão de suas experiências e o registro de seus escritos contribui para o aprimoramento da escrita da história, já que aponta para outras e novas perspectivas e visões. A divulgação dos cacos de sonhos de Lúcia contribui, assim, para a reconstrução do passado:

A prisão significa a não escolha, ou seja, a oportunidade de escolher apenas as necessidades básicas, primárias de uma pessoa. Aí fora, cada minuto é um momento de opção a respeito de tudo e de todos. Mas também se vive aqui, mas só se vive se a pessoa não ficar na dependência do que acontece aí fora. Pode-se construir uma vida aqui, se a gente procura entender os companheiros, conversar sobre seus problemas, conversar sobre os próprios, compartilhar tudo. O que nos deixa deprimida é não poder influir no que está acontecendo aí fora, não poder saber dos amigos ou conversar com eles. Pode-se escrever, mas nunca é a mesma coisa. (MAURÍCIO, 2015, p.47).

Os apontamentos da escritora juvenil rememoram ainda seu difícil relacionamento com os pais, que inclusive a teriam internado em uma clínica psiquiátrica à época de seu envolvimento com a militância política, o que causou grande ressentimento na autora. O ressentimento de um filho por seu pai foi retratado na literatura através da emblemática obra de Franz Kafka intitulada *Carta ao pai*, onde o autor discorre todo seu ressentimento pelo pai, a quem ele denomina como um tirano medíocre, carta esta que não chegou a ser enviada e só foi publicada postumamente, inclusive após a sua morte. Sentimentos como medo, inferioridade, humilhação, rancor, culpa, indiferença e também admiração perpassam em maior ou menor grau a carta ao pai de Kafka:



Com a sua antipatia você atingiu, de modo mais certo, a minha atividade de escritor e as coisas relacionadas com ela, que lhe eram desconhecidas. Aqui de fato eu me havia distanciado com certa autonomia, embora lembrasse um pouco a minhoca que, esmagada por um pé na parte de trás, se liberta com a parte dianteira e se arrasta para o lado. De certa maneira eu estava em segurança, havia um sopro de alívio, a aversão que naturalmente você logo teve pelo que eu escrevia foi neste ponto excepcionalmente bem-vinda.(...) Meus escritos tratavam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito. Eram uma despedida intencionalmente prolongada de você; só que ela, apesar de imposta por você, corria na direção definida por mim. Mas como tudo isso era pouco! (KAFKA, 2017, p.51-52).

Na carta de Kafka, percebemos que a escrita funciona como uma forma de terapia, onde ocorre uma espécie de prestação de contas, um desabafo para com seu pai, em que as mágoas e ressentimentos que haviam sido guardados por toda uma vida vem à tona através do ato da escrita. Benjamin relaciona a figura do pai na obra de Kafka aos burocratas e funcionários da justiça, que são os responsáveis pelos atos de punição: “O pai é quem pune, mas também quem acusa. O pecado do qual ele acusa o filho parece ser uma espécie de pecado original.” (BENJAMIN, 1996, p.140); logo tanto o pai quanto o filho são ambos pecadores. Percebe-se, ao longo da leitura da carta, que Kafka se sente injustiçado perante o pai, e esse sentimento é também visível nas passagens das cartas que Lúcia remete aos seus pais, onde parece que o aprisionamento intensifica a necessidade do desabafo e do acerto de contas com a família:

Meus queridos Pai e Mommy

Preferi escrever uma resposta única para os dois porque, embora vocês sejam pessoas diferentes, com características diferentes, escrevo para os meus pais. Gostaria de, nesta carta, explicar muita coisa de que tanto eu como vocês sentimos uma grande necessidade. Mas não posso iludi-los de que será uma abertura total por incapacidade minha e também pelas limitações que continuam a existir.

A vida é uma enorme corrente de aventuras. Os filhos são a mais importante delas, mas não excluem as outras. Eu gostaria agora, nesse momento, não de falar como filha, mas como uma pessoa qualquer, com ideias diferentes ou divergentes. (MAURÍCIO, 2015, p.97)

As cartas que Lúcia envia a seus pais registram uma série de episódios em que a jovem sentiu alguma espécie de frustração ou decepção perante as atitudes de seus pais, e é a partir do ato da escrita em que a autora parece vislumbrar uma possibilidade de reconciliação com seus pais – uma espécie de acerto de contas - , pois, conforme mencionado anteriormente, sendo as visitas escassas, eram as cartas a única maneira possível para um desabafo da autora e conseqüentemente para o processo de desenvolvimento de escuta, e através das cartas enviadas a seus pais a autora expurga os episódios em que se sentiu apunhalada por eles:

Mas de vocês eu recebi três grandes pauladas. A primeira foi o hospital, a segunda foi denunciar Alex e a terceira foi não levantar uma palha por ele quando foi preso.



Vou falar sobre cada uma, o significado delas para mim, e quando a terceira veio, eu resolvi usar umas coisas que podem ser chamadas de vingança. Não falo sobre isso para lhes causar sentimentos de culpa, remorso, agredi-los mais do que já fiz, ou aumentar-lhes o sofrimento. Volto a esse assunto porque acho necessário que eles fiquem claros, para que possamos nos aceitar mutuamente. (MAURÍCIO, 2019, p.100)

3 Conclusão

Entende-se que Lúcia buscou, enquanto presa política, uma forma de confortar-se a si mesma de sua privação de liberdade, e encontrou na escrita uma das formas de reestruturar-se enquanto sujeito. Entendendo o ato da escrita enquanto uma forma de exercício pessoal, em que quem escreve se manifesta a outro, mas também a si mesmo, e considerando a possibilidade de que os escritos conservem-se para posterior análise e reflexão, entende-se que as cartas de Lúcia, escritas há mais de quarenta anos, contribuam para uma reescrita da história dita oficial, na medida em que oportunizam a divulgação das experiências de uma ex-prisioneira política que não teve, à época da elaboração de seus escritos, a possibilidade de demonstrar seus pensamentos e sentimentos através do uso da palavra, como se faz possível na contemporaneidade, através da publicação de seus *Cacos de sonhos*. Entende-se ainda que a publicação das cartas da ex-prisioneira Lúcia Maurício alcançaram os objetivos da autora em conectar-se com as gerações posteriores à sua, já que a não divulgação manteria sua história e suas experiências de prisioneira em um silenciamento que não é mais desejável quanto tratamos de episódios referentes à ditadura. Assim sendo, as cartas da autora possuem relevância na medida em que oportunizam o compartilhamento das memórias e do testemunho de uma militante política mulher que enquanto prisioneira vivenciou experiências únicas e que através da narração tentou se expressar, tanto pelo dito quanto pelo não dito, contribuindo assim para uma ampliação da história oficial do país e para o uso da literatura como possibilidade de defesa dos direitos humanos.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas Vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. Franz Kafka: a propósito do décimo aniversário de sua morte. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas Vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas Vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.



BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Obras Escolhidas Vol 1. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BETTO, Frei. **Cartas da prisão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si.** In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992. Disponível em: <<http://eps.otics.org/material/entrada-outras-ofertas/livros/a-escrita-de-si-michel-foucault>>. Acesso em: 9 de dez. de 2019.

KAFKA, Franz. **Carta ao pai.** Tradução e posfácio Modesto Carone. 18ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Cacos de sonhos: cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974).** Rio de Janeiro: Ponteio Edições, 2015.

NUNES, Clarice. Amanhã será outro dia! In: **Cacos de sonhos: cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974).** Rio de Janeiro: Ponteio Edições, 2015.

